

UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ

Gabriela Landim do Nascimento

UMA ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE AS OBRAS *A VIDA
DE PI E MAX E OS FELINOS*: UM EMBATE SOBRE
PROPRIEDADE INTELECTUAL

Taubaté – SP

2019

Gabriela Landim do Nascimento

UMA ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE AS OBRAS *A VIDA
DE PI E MAX E OS FELINOS*: UM EMBATE SOBRE
PROPRIEDADE INTELECTUAL

Trabalho de graduação apresentado para a
obtenção do certificado de bacharel pelo Curso
de Letras do Departamento de Ciências Sociais
e Letras da Universidade de Taubaté.

Orientadora: Prof^a Sílvia Regina Ferreira
Pompeo Araújo

TAUBATÉ – SP

2019

A minha família e amigos, por todo apoio e incentivo.

RESUMO

As Aventuras de Pi é um livro escrito por Yann Martel, em 2001, e adaptado para o cinema em 2012. Em 2002, após Martel ter recebido um importante prêmio literário, levantou-se a hipótese de plágio entre o livro As Aventuras de Pi e Max e os Felinos, escrito por Moacyr Scliar, in 1981. Apesar de terem uma história de fundo extremamente parecidas: ambos tratam da dificuldade de imigração – representada pelo naufrágio – e a confrontação com os problemas pessoais, representados pelo leão e pelo tigre. São duas histórias com temáticas extremamente diferentes. Enquanto As Aventuras de Pi trata de uma descoberta e desenvolvimento da fé de Pi, fazendo com que o livro tenha uma temática religiosa; Max e os Felinos faz uma crítica ao nazismo, criando uma temática política. Diante disso, o objetivo do presente estudo é apresentar uma análise comparativa entre as obras a Vida de Pi e Max e os Felinos. Foi realizado um estudo de caráter bibliográfico, com pesquisas em autores que abordam a literatura comparada para realizar as análises, observando as semelhanças e diferenças entre as obras, além de apresentar o embate sobre propriedade intelectual. É extremamente importante discutir sobre plágios, pois tratamos da ideia de propriedade intelectual e como isso afeta o trabalho daqueles que trabalham com arte. Finalizamos o trabalho com as conclusões acerca do estudo comparativo realizado entre as características convergentes e divergentes e sobre a intertextualidade presente nas obras analisadas.

Palavras-chave: Propriedade intelectual. Plágio. A vida de Pi. Max e os Felinos.

ABSTRACT

Life of Pi is a book written by Yann Martel in 2001 and it was adapted for the cinema in 2012. After he got an important literature award in 2002, some rumors came up regarding plagiarism between Life of Pi and Max e os Felinos, a book by Moacyr Scliar written in 1981. Despite a similar background story: both talk about the difficulties of immigration – represented by the shipwreck – and dealing with personal problems – represented by the tiger and the jaguar – they have different themes. Due to this fact, this research aims to present a comparative analysis between these works. While Life of Pi talks mainly about Pi's faith and how to understand its meaning, which make it a book about religion. Max e os Felinos criticizes Nazism, creating a political atmosphere. It is very important to discuss about plagiarism, for we engage the idea of intellectual property and how it affects the work of those whom work with art.

Key-words: Intellectual property. Plagiarism. Life of Pi. Max e os Felinos.

Sumário

Introdução	7
Capítulo 1.....	9
1.1 A perspectiva do autor e do leitor	9
1.2 Intertextualidade	10
Capítulo 2.....	12
2.1 A história por trás do suposto plágio	12
2.2 Do crime de plágio	12
Capítulo 3.....	16
3.1 Resumo e análise das obras	16
3.1.1 A vida de Pi	16
3.1.2 Max e os Felinos	20
Capítulo 4.....	22
4.1 Pontos convergentes e divergentes	22
4.1.2 Características que convergem entre as obras	22
4.1.2 Características que se diferem	24
4.2 A viagem	26
4.2.1 Antes da viagem	26
4.2.2 Durante a viagem.....	27
4.2.2.1 A Arca de Nóe e a intertextualidade entre as obras	27
4.2.3 A chegada ao Novo Mundo.....	29
5. Considerações Finais.....	32
6. Referências	34

Introdução

Em 2001, Yann Martel escreveu o livro *A vida de Pi* e, no ano seguinte, ganhou um prêmio literário na Inglaterra por essa obra. No entanto, também foi acusado de plagiar um livro de Moacyr Scliar, *Max e os Felinos* (1981). Embora ambos tenham características similares, é importante ressaltar que são livros completamente diferentes.

É de extrema importância a discussão sobre “plágios”, pois ao discutir sobre plágios, discutimos também sobre propriedade intelectual. Segundo Buainain, a propriedade intelectual “possibilita transformar o conhecimento, em princípio um bem quase público, em bem privado e a ligação entre o conhecimento e o mercado.”

No entanto, também temos a ideia de que “na vida nada se cria, tudo se copia”. Essas duas ideias – propriedade intelectual e o fato de que nada é original – se contrapõem. Por isso é de extrema importância discutir se houve, de fato, um plágio, pois uma ideia é sim propriedade intelectual, mas toda ideia pode e deve ser compartilhada.

Por meio deste trabalho, serão pontuadas as semelhanças e diferenças entre as obras e análises teóricas com o objetivo de desmistificar o suposto “plágio” entre os livros e comprovar que não houve plágio entre as obras.

É preciso pontuar neste trabalho a necessidade de um olhar diferenciado sobre essas duas obras a serem tratadas a seguir. Em seu livro, Nitrini afirma “basta existirem duas literaturas para se começar a compará-las” (NITRINI, 2010, p. 19). Ao falarmos de literatura comparada, nos vem à mente a definição de comparação e como essa gera uma noção de superioridade ou inferioridade e, talvez, até igualdade, haja vista que, enquanto leitores, temos a tendência de preferir uma obra à outra, ou até mesmo “eleger” esta ou aquela melhor. Isso pode ser resultado de uma análise superficial não pautada em critérios científicos ou embasamentos literários, que não procura um diálogo entre as obras e, muito menos, as lê como equivalentes em qualidade. Seja na narrativa ou na construção das personagens, nós tendemos a procurar defeitos a fim de determinar qual obra é superior a outra ou inferior. Diante disso iremos

evidenciar a intertextualidade que há entre eles e, mais do que apontar as semelhanças, destacar as diferenças. Ao compararmos essas obras, iremos tratar as diferenças existentes entre elas e tentar entender como cada uma se completa e como dialogam entre si. Munidos de embasamentos teóricos da literatura comparada, bem como a leitura dessas duas obras tão diferentes, iremos, por meio desta pesquisa, traçar uma linha contínua entre *Max e os Felinos* e *A vida de Pi*. Não será, portanto, duas linhas de pensamento separadas, mas um diálogo entre duas obras que se encontram em determinados momentos, mas que passam mensagem completamente opostas em outros.

Por meio de uma leitura metodológica, e ferramentas de leitura, é possível aproximar essas duas obras, de maneira não-litigante, assim como distanciá-las, recorrendo a elementos presentes em ambas as narrativas.

A seguir, o trabalho está com a seguinte estrutura: o capítulo 1 apresenta a perspectiva do autor e leitor, assim como a intertextualidade presente entre as obras; o segundo capítulo aborda a definição do plágio, também o suposto plágio que existiu entre os livros; no terceiro capítulo, será apresentado um resumo e uma análise teórica de cada obra; no capítulo 4 é possível encontrar as características divergentes e convergentes entre as obras, também um quadro para sintetizar as ideias apresentadas.

Capítulo 1

1.1 A perspectiva do autor e do leitor

Para que façamos uma leitura completa e uma comparação justa, é necessário levar em conta, também, a influência do tempo e espaço nos autores de cada livro. Há, portanto, uma diferença cultural entre eles e, conseqüentemente, entre as obras. Fato que será evidenciado no decorrer do trabalho.

É preciso trabalhar, também, a perspectiva do leitor, afinal, é ele quem irá julgar as obras. São obras com tempo e temática diferenciadas e, portanto, atraem públicos diferentes. O leitor de *Max e os Felinos (1981)* não será, necessariamente, o leitor de *A vida de Pi (2001)*. No entanto, ao comparar e ler a obra, para manter a imparcialidade desta pesquisa, é necessário que, ao fazer uma análise de cada obra, seja por óticas e perspectivas diferentes, haja vista que as obras pedem um olhar diferenciado, em decorrência do objetivo e temática de cada uma.

Em 2002, Yann Martel recebeu um prêmio literário por seu livro *A vida de Pi (2001)* na Inglaterra. Nesse mesmo ano, surgiram rumores de plágio entre esta obra e *Max e os Felinos (1981)* do escritor gaúcho Moacyr Scliar. Não é a primeira vez, tampouco será a última, que podemos presenciar um caso de um suposto “plágio” entre dois autores. No próprio prefácio de seu livro – no qual comenta o suposto plágio –, Moacyr afirma: “Uma ideia é uma propriedade intelectual. Isto não significa que não possa ser partilhada. Pode sim, e frequentemente o é”. Logo após ser acusado de “plágio”, Yann Martel admitiu ter se baseado na premissa do livro *Max e os Felinos*. No entanto, após essa declaração, houve vários outros atritos.

A OMPI (Organização Mundial de Propriedade Intelectual) define Propriedade Intelectual como sendo

a soma dos direitos relativos às obras literárias, artísticas e científicas, às interpretações dos artistas intérpretes e às execuções dos artistas executantes, aos fonogramas e às emissões de radiodifusão, às invenções em todos os domínios da atividade humana, às descobertas científicas, aos desenhos e

modelos industriais, às marcas industriais, comerciais e de serviço, bem como às firmas comerciais e denominações comerciais, à proteção contra a concorrência desleal e todos os outros direitos inerentes à atividade intelectual nos domínios industrial, científico, literário e artístico.

Portanto, há uma diferença entre o que é “propriedade intelectual” e a intertextualidade que pode – ou não – haver entre as obras.

1.2 Intertextualidade

Pode-se definir intertextualidade como a relação e influência que há de um texto para o outro. De maneira simples, é o diálogo que há entre duas obras. Há, com certeza, um diálogo entre *A Vida de Pi* e *Max e os Felinos*. Mas qual é o limite entre intertextualidade e plágio? Esta é uma questão a ser debatida durante o trabalho.

No decorrer do trabalho, irei pontuar as diferentes temáticas tratadas em cada obra e como, por meio delas, comprovar que, apesar de terem personagens e narrativas similares, possuem temáticas completamente diferentes, assim como a construção dessas mesmas personagens e a narrativa ocorrem de maneiras diferentes.

A fim de estabelecer a intertextualidade presente entre as obras, é preciso, primeiro, rever alguns conceitos.

Para fazer uma leitura correta das obras - e de qualquer outra - não se pode estar isolado. Para compreender plenamente as obras é preciso ter a capacidade de fazer inferências, ter conhecimento prévio de alguns assuntos e aprender sobre novos por meio da leitura, por isso, haverá sempre um diálogo entre qualquer obra. Seja ela com uma já existente ou que será escrita.

A tratar melhor da questão da intertextualidade, pode-se categorizar em diferentes significados: citação (o texto é inserido diretamente em outro); referência (similar a citação mas sem transcrever literalmente do texto-fonte); a alusão (o texto-fonte é retomado muito sutilmente, cabe ao leitor perceber as indicações que o autor dá); plágio (sem dar os créditos); paródia (a

estrutura e/ou assunto do texto-fonte são retomados em outras situações com efeitos lúdicos e caricatos).

No decorrer do trabalho, serão pontuadas as questões referentes à intertextualidade presente entre as obras.

Capítulo 2

2.1 A história por trás do suposto plágio

Após o escândalo do suposto “plágio”, Yann Martel afirmou em entrevistas que tinha conhecido a obra de Moacyr Scliar por meio de uma resenha negativa em um jornal local. Tal afirmação foi questionada por Moacyr, haja vista que não tinha conhecimento de nenhuma resenha negativa.

Afinal, o autor de *Max e os Felinos* afirmou não ser uma pessoa litigante e se recusou a dar continuidade ao processo. No entanto, pediu para Yann Martel dar as devidas referências à obra.

No decorrer do trabalho, serão definidos os fundamentos teóricos da literatura comparada, bem como análises teóricas e contextos de ambas as obras para que, afinal, possa destacar as semelhanças e diferenças entre as obras e determinar se podemos qualificar o ocorrido como plágio ou não.

Tania Carvalhal (2007) escreve que

um elemento, retirado de seu contexto original para integrar outro contexto, já não pode ser considerado idêntico. A sua inserção em novo sistema altera sua própria natureza, pois aí exerce outra função. (p. 48)

É nessa premissa que pretendo fundamentar a comparação entre as obras já citadas acima, pois embora possuam elementos similares, se diferem em temas tratados e contextos sociais e, por isso, são obras que tratam de assuntos extremamente opostos e não devem, nunca, serem consideradas plágio.

2.2 Do crime de plágio

Apesar de ser considerado crime, o plágio está presente na vida acadêmica, na vida artística e em muitas outras vertentes.

Caracteriza-se plágio, copiar ou assinar uma obra, texto, filme, livro, música, com partes ou totalmente reproduzida de outra pessoa, dizendo que é sua autoria. O plágio pode ocorrer também, quando a pessoa reproduz o trabalho de alguém e não coloca os créditos para o autor original.

O plágio, portanto, é a reprodução não autorizada de uma obra que não lhe pertence, sendo considerado crime previsto no Código Penal Brasileiro e em muitos outros países. Um dos plágios mais comuns são dos trabalhos acadêmicos nos quais alunos de faculdades, cursos de pós-graduação, mestrado e doutorado, “copiam e colam” teses e conclusões de outros, sem mencionar as citações bibliográficas.

O plágio é muito conhecido no mundo jurídico, seja por cantores reivindicando direitos autorais de música, ou trechos de livros, novelas e filmes. Alguns dos casos polêmicos de plágio que ocorreram no Brasil são o caso do Padre Marcelo Rossi com seu livro *Ágape* e também os casos do cantor Seu Jorge que foi acusado de plágio em algumas de suas músicas.

Entre casos internacionais mais famosos de supostos “plágios”, pode-se encontrar títulos conhecidos como, por exemplo:

A Forma da Água (2017)

Dirigido por Guillermo del Toro. David Zindel, filho do escritor Paul Zindel, que morreu em 2003, diz que o longa é "inspirado" na peça escrita por seu pai "Let me hear you whisper", que também virou filme para a TV em 1969.

Frozen (2013)

Foi acusada de plágio pela criadora do curta-metragem "The Snowman" (2012), Kelly Willson. Ela entrou com uma ação em 2014 alegando que a animação da Disney tinha semelhanças substanciais com seu curta. O estúdio acabou fazendo um acordo.

O Exterminador do Futuro (1984)

O escritor Harlan Ellison processou o diretor James Cameron por plágio. Ele alegou várias similaridades do filme com um episódio do seriado "A Quinta Dimensão", escrito por ele e que mostrava um robô do futuro disfarçado de ser humano que era enviado para o passado. A Orion Pictures fez um acordo.

Por um punhado de dólares (1964)

Considerado um clássico do gênero faroeste, foi processado por plágio, acusado de ter feito um remake não autorizado do filme japonês Yojimbo - O Guarda-Costas (1961).

Cães de Aluguel (1992)

Dirigido por Quentin Tarantino, foi acusado de ser um plágio do filme "Perigo Extremo" (1987).

Rocky: um lutador (1976)

Escrito e estrelado por Sylvester Stallone, o filme foi baseado na vida do boxeador Chuck Wepner. Stallone escreveu o roteiro duas semanas depois de assistir à luta em que Wepner aguenta os 15 rounds contra Muhammad Ali. Na época, Stallone não pagou Wepner. Mas, passados 20 anos, Chuck decidiu processar o ator, que fez um acordo.

Olha Quem Está Falando (1989)

Essa comédia de 1989 estrelada por John Travolta fez um grande sucesso na época. Após o lançamento, Rita Stern e Jeanne Meyers notaram algumas semelhanças com "Special Delivery", um juiz viu semelhanças entre os dois projetos, e o estúdio TriStar Pictures fez um acordo.

O Rei Leão (1994)

O filme é muito parecido com "Kimba, o Leão Branco", anime criado pelo japonês Osamu Tezuka, a Disney e os diretores de "O Rei Leão" sempre negaram qualquer inspiração no desenho japonês.

Nosferatu (1922)

Hoje em dia é domínio público, mas houve uma época em que o Conde Drácula não era. Em 1921, o diretor alemão F.W. Murnau filmou "Nosferatu". A história do conde Graf Orlok era muito parecida ao original, e o diretor e estúdio "Prana Film" foram processados por plágio.

As Aventuras de Pi (2012)

Por último, *As Aventuras de Pi*, filme que foi baseado no livro que compõe a temática da pesquisa – *A vida de Pi (2001)*. É sobre esse caso em especial que iremos discutir no decorrer deste trabalho.

Capítulo 3

3.1 Resumo e análise das obras

3.1.1 A vida de Pi

A Vida de Pi é um livro publicado em 2001 pelo escritor canadense Yann Martel.

O livro conta a história de Pi(scine), um jovem indiano que, após um naufrágio, acaba ficando preso num barco no meio do mar com um tigre, uma zebra, um orangotango e uma hiena. Após alguns capítulos, só com o tigre, chamado de Richard Parker. Durante o livro, ele questiona sua fé e sanidade. Em algum momento da jornada, chega a uma ilha, que aparenta ser um organismo vivo. Lá, ele e o tigre se alimentam e seguem jornada. A história é narrada por Pi já velho, por isso o narrador escreve em primeira pessoa e é um narrador personagem, a confirmar na seguinte passagem

O nome que me deram é de uma piscina, coisa bem curiosa, considerando-se que os meus pais nunca foram muito chegados à água. (p. 21)

O livro apresenta-se dividido em três partes, são elas:

A primeira parte carrega o título de *Toronto e Pondicherry* e conta a vida de Pi antes de naufrágio, já no capítulo 2 narra origem de seu nome, suas aulas de natação. No decorrer do livro, relata sua infância em Pondicherry, Índia e detalhes do seu cotidiano antes do naufrágio.

A segunda parte, *O oceano Pacífico*, é a que recebe maior atenção dos leitores, é o naufrágio - evento que coloca a fé de Pi à prova, ao sair em viagem com sua família e o zoológico de seu pai, o navio naufraga e somente Pi sobrevive junto com outros animais, que acabam morrendo no decorrer da narrativa.

A terceira parte é o grande desfecho da obra. Pi nos apresenta a duas possibilidades do que aconteceu e cabe ao leitor decidir em qual acreditar. O final fica, então, a critério do leitor.

Em grande parte do livro, acompanhamos a trajetória de Pi com o tigre e, por isso, não há muitas personagens. Podemos classificar Pi como uma personagem redonda, ou seja, uma personagem com grande densidade psicológica, considerando que acompanhamos seus pensamentos e medos, que acabam se tornando bem complexos no decorrer da história.

É uma obra com uma temática espiritual, no entanto, logo nas primeiras páginas o autor diz que não pretende fazer uma pregação religiosa - o próprio Pi segue três religiões diferentes - mesmo anunciando, também no início, que “a história de Pi vai te fazer acreditar em Deus”. Durante o livro, é possível acompanhar Pi perder sua fé, recuperá-la e ressignificá-la. Tudo isso na companhia do Tigre, que acaba servindo de “muleta” para que Pi não perdesse as esperanças.

Apesar de sabermos desde o princípio que Pi está vivo, a julgar que ele é o próprio narrador, o tempo no livro é cronológico, após o momento inicial, no qual comenta seu presente, ou seja, sua vida atualmente pós naufrágio, a história começa mesmo antes de seu nascimento, explicando seu nome, narra sua infância feliz em Pondicherry, vivendo no zoológico de seu pai, como fica evidente na seguinte passagem

Já para mim, era o paraíso na terra. Crescer num zoológico só me deixou ótimas lembranças. Eu levava uma vida de príncipe. Que filho de marajá tinha um quintal tão grande e luxuoso para brincar? Que palácio tinha tantos animais assim? Na infância, meu despertador era um bando de leões. [...] O café da manhã era marcado pelos berros e gritos dos bugios, das mainás e das cacatuas-das-molucas. Eu saía para a escola sob o olhar benevolente não apenas da minha mãe, mas também das lontras de olhinhos brilhantes, do robusto bisão americano e dos orangotangos que bocejavam e se espreguiçavam. (p. 28)

Depois, na segunda parte do livro, aprendemos mais sobre o que aconteceu com ele, durante o naufrágio, com os animais e também Richard Parker. A parte dois se inicia bem no começo do naufrágio, o capítulo 37 mostra o momento em que Pi e o tigre se acham em meio ao caos do naufrágio e como Pi encoraja Richard Parker a chegar até o barco:

O navio afundou. Fez um som que parecia um monstruoso arrote metálico. As coisas ficaram borbulhando na água e, depois, desapareceram. Tudo gritava: o mar, o vento, o meu coração. Do bote salva-vidas, vi algo na água:

- Richard Parker, é você? - gritei - Está tão difícil enxergar. Ah, se essa chuva parasse... Richard Parker? Richard Parker? É você mesmo!

Só dava para ver a cabeça dele, que lutava para se manter na superfície. [...]

- O que está fazendo, Richard Parker? Você não ama a vida? Então, continue nadando! TRIIIIII! TRIIIIII! TRIIIIII! Bata as patas. Bata! Bata! Bata! (p. 124)

Na sequência, volta ao começo, ao momento após tudo isso, na parte intitulada *Centro Médico Benedito Juárez, Tomatlán, México*. Ao se encontrar internado no hospital, Pi recebe a visita do sr. Tohomiro Okamoto, funcionário do Departamento Marítimo do Ministério de Transportes do Japão e o sr. Atsuro Chiba, que tinham como objetivo entender o que aconteceu com o cargueiro japonês Tsimtsum, o navio que naufragou com o zoológico e a família de Pi.

Pi conta a história sobre Richard Parker, a zebra, a hiena e o orangotango, sobre a ilha e as tantas características fantásticas de sua viagem. O sr. Okamoto e seu assistente não acreditam.

Após a descrença dos seus ouvintes, Pi resolve contar outra história. A história sobre ele, um cozinheiro animalesco, sua mãe e um marinheiro de Taiwan, todos sobreviventes do naufrágio.

O marinheiro de Taiwan quebra a perna, assim como a zebra na outra história. A hiena arrancou sua pata, da mesma maneira que o cozinheiro o fez. Após isso, a hiena também matou o orangotango, como o cozinheiro que matou a mãe de Pi. Então, Richard Parker matou a hiena, o que nos leva a acreditar que Pi é Richard Parker, pois ele matou o cozinheiro.

Quanto às personagens, é difícil dizer se são personagens planas ou redondas, haja vista que os animais correspondem a pessoas.

O cozinheiro é uma personagem plana tipo, mas só é possível entender isso ao final, quando Pi conta a história verdadeira. Mesmo enquanto humano, o cozinheiro possui características animais

Ele comeu as moscas. Quero dizer, o cozinheiro. [...] A sua boca tinha a mesma capacidade seletiva que uma lixeira. Comeu até o rato. Cortou o bicho todo e o deixou secar ao sol. [...] Esse tal cozinheiro era um animal; um sujeito hipócrita e com um gênio terrível. (p. 365)

O marinheiro e Taiwan é, claramente, uma personagem plana. Devido ao fato de ser um livro escrito em primeira pessoa e também ao fato de que ele não fala a língua dos demais e morre logo no início, não há muito o que destacar sobre ele.

A mãe de Pi, apesar de lutar contra o cozinheiro/hiena e apesar de deixar claros muitos de seus pensamentos, é tudo muito raso, haja vista que percebemos tudo pela perspectiva de Pi. É, portanto, uma personagem plana.

Pi e Richard Parker são as únicas personagens redondas. Pi lida com o luto de sua mãe, com a culpa do marinheiro ter morrido e de ter matado o cozinheiro. Embora nada seja necessariamente culpa sua, Pi passa por vários momentos de reflexão no decorrer do livro e podemos acompanhar seu desenvolvimento ao longo da narrativa. Seja lidando com sua culpa, ou resignificando sua fé.

3.1.2 Max e os Felinos

Max e os Felinos é um livro publicado em 1981, 20 anos antes de A Vida de Pi, escrito por Moacyr Scliar.

Por meio do livro, acompanhamos a história do Max, um jovem alemão que vive o início da Segunda Guerra Mundial. Quando seu amigo com tendências comunistas é preso e seu caso com a mulher de um militar é descoberto, ele se vê obrigado a fugir para o Brasil num navio fadado ao naufrágio.

Num barco, sobrevivem ele e um tigre. Ao chegar no Brasil, Max se perde do tigre e acaba descobrindo outros preconceitos na América, mesmo tão longe da Alemanha.

Afinal, muda de cidade e se casa. No entanto, descobre que seu vizinho é um nazista e acaba declarando uma “guerra” entre eles. O livro atinge seu ápice quando sua filha é atacada por um tigre, mas Max acredita ter sido por seu vizinho.

Max é, claramente, uma personagem redonda - personagem com densidade psicológica. Durante a narrativa, podemos acompanhar sua evolução, seus medos e fantasmas, no primeiro capítulo, podemos perceber seu medo pelos animais - mortos - na loja de seu pai, principalmente do tigre. No entanto, já no último capítulo, podemos ler “Max estava finalmente em paz com seus felinos” (p. 121). Apesar de uma frase não estar necessariamente justificando a outra, afinal, muito acontece entre as duas, esse é um claro exemplo de como Max evoluiu no decorrer da narrativa.

As demais personagens, no entanto, seguem como personagens planas, sem muita densidade psicológica, apesar de enxergarmos o preconceito da época em muitas delas. Muitas delas são, ainda, personagens tipo, como se pode perceber na descrição do pai de Max

Como negociante e como pessoa, Hans Schmidt não era um tipo refinado. Atarracado como um urso, era veemente demais no exaltar a qualidade de sua mercadoria; ficava vermelho, berrava, salpicava de perdigotos a cara dos clientes; e em casa, entre uma colherada e outra da sopa

ruidosamente sorvida, gabava-se à mulher e ao filho de já ter enganado muitos trouxas na vida (p. 41).

E de sua mãe

Erna Schmidt era exatamente o oposto do marido, uma mulher pequena e tímida, sensível, não desprovida de certa cultura. Na adolescência, desejava ser declamadora; e à noite, em meio a confusos sonhos, recitava em voz alta versos de Goethe e de Schiller. [...] Erna jamais reagia à brutalidade do marido; mas às vezes, enquanto estava contando uma história ao filho, interrompia-se de súbito e abraçava-se a ele aos prantos. (p. 42)

O tempo é cronológico, acompanhamos a vida de Max passar, desde seus 19 anos até sua vida de casado e a construção de sua casa e família. Como podemos ler no primeiro capítulo *O tigre sobre o armário*: “Nascido em Berlim, em 1912, era filho de peleteiro e cresceu entre peles” (p. 41); e também no último capítulo *A onça no morro*: “Max Schmidt morreu em 1977. Estou em paz com meus felinos, dizia em seus últimos dias...” (p. 121). Essas são frases retiradas do primeiro parágrafo e do último parágrafo, ao que indica que toda a história acontece no decorrer cronológico de sua vida.

O livro é escrito em terceira pessoa, como podemos observar logo na primeira frase do livro: “Envolvido com felinos, Max sempre estive” (p. 41). O narrador não é onipresente, ou seja, acompanha apenas os pensamentos de Max.

É um livro com uma temática sociopolítica, com o intuito de criticar e ressaltar os problemas e consequências do preconceito racial e do nazismo.

Vale lembrar também que *Max e os Felinos* foi escrito vinte anos antes que *A Vida de Pi* e, por isso, o contexto histórico em que o autor vivia é muito diferente do contexto histórico em que Yann Martel vivia no momento em que escreveu o livro.

Capítulo 4

4.1 Pontos convergentes e divergentes

4.1.2 Características que convergem entre as obras

É possível enumerar poucas características que se assemelham entre as obras, no entanto, são características extremamente marcantes.

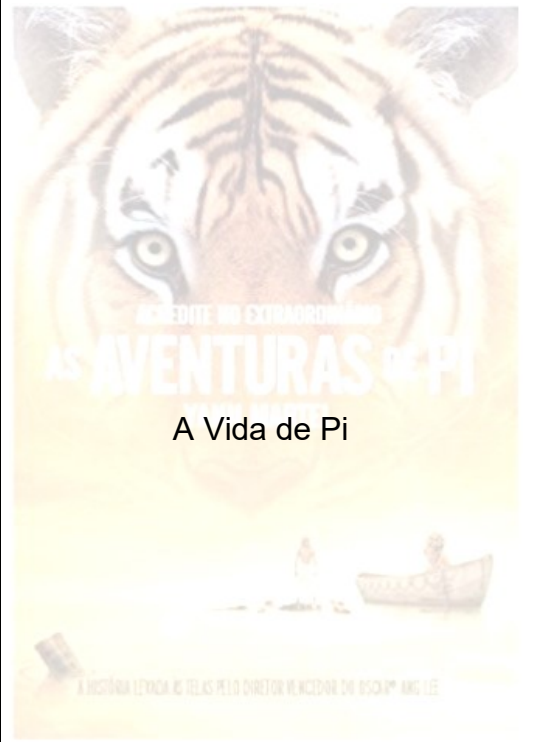
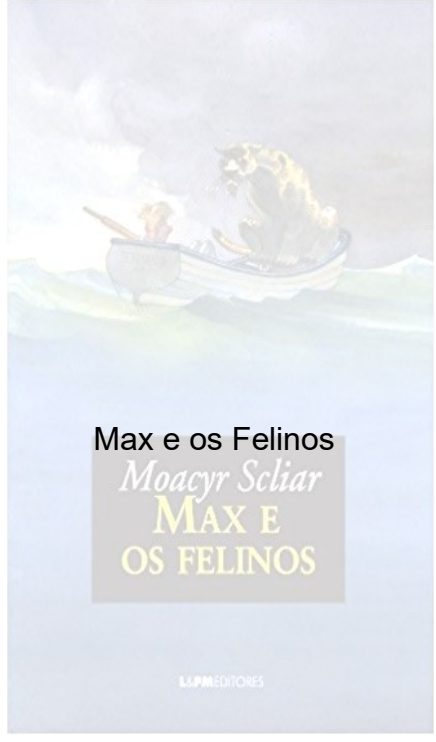
A maior delas é, sem dúvida, o felino. O felino, representado pelo tigre e pelo jaguar, é uma personagem muito importante em ambas as obras. Em *Max e os Felinos*, acompanha Max até o Brasil e desenvolve uma relação de afeto com ele. Em *A vida de Pi*, além de acompanhar, o tigre faz parte do desenvolvimento espiritual da personagem no decorrer da história, pois, como é revelado ao final da história, assim como outros animais que morrem logo no começo representam outros sobreviventes, o tigre representa Pi, e como ele foi capaz de sobreviver ao naufrágio sozinho, numa viagem na qual teve que manter sua fé para que sobrevivesse.

A segunda característica, também importante, é o barco. O “meio de transporte” utilizado pelas personagens para fazer sua viagem, nas duas obras, é um barco. Max e Pi, em suas respectivas narrativas, fazem sua viagem de um ponto a outro por meio de um barco que sobrevive ao naufrágio - outra característica presente nas duas obras. O navio que transportava o zoológico em *A Vida de Pi* é destruído no meio do caminho e em *Max e os Felinos*, é um naufrágio proposital.

A terceira, já mais discreta, é a estrutura das obras, que remetem aos clássicos contos de fadas, o que é esperado, haja vista que pelo menos uma dessas obras é um livro infanto-juvenil. Apesar de ambos serem histórias com uma narrativa cronológica, ao passarem por esse período no barco, as personagens vivem um entre-lugar, um tempo que, apesar de permanecer cronológico, não é tão definido. Há, também, a jornada dos heróis que, por meio do naufrágio, são afastados de suas famílias e obrigados a seguirem sua jornada de descoberta sozinhos e ambos encontram, cada um à sua maneira, dificuldades no caminho, assim como conquistam seus objetivos ao final. Esta

também é uma característica dos contos de fadas. Embora *A vida de Pi* (2001) não seja necessariamente uma história infanto-juvenil ou até mesmo um conto de fadas, possui características que poderiam classificá-lo como, por exemplo, o elemento mágico na forma da ilha viva que acaba encontrando, sua jornada sozinho entre outras características. Já *Max e os felinos* (1981) possui uma aura mais juvenil, o próprio autor é um autor que escreve, em sua maioria, livros infanto-juvenis.

A seguir, um quadro comparativo para exemplificar a discussão acima:

Livro		
Companhia	Nos dois livros, o herói é acompanhado por um felino	
Transporte	Ambos os heróis se deslocam da sua casa até seu destino por meio de um barco	
Acidente	Ambos são vítimas de um naufrágio	
Estrutura	As personagens vivem um entre-lugar, um espaço de tempo destinado ao crescimento pessoal delas, no qual devem permanecer sozinhas, longe de sua família. Isto é uma característica estrutural dos contos de fadas, nos quais a personagem principal, para alcançar seus objetivos, parte em uma viagem sozinha.	

4.1.2 Características que se diferem

Antes de escrever sobre as diferenças entre as obras, é preciso expor as diferenças entre os autores.

No começo deste trabalho, foram apresentadas as influências socioculturais que ambos os autores sofreram. *Max e os Felinos* foi escrito em 1981, período em que o mundo, ainda polarizado entre União Soviética e Estados Unidos, sofria com as consequências da Segunda Guerra Mundial e a Guerra Fria. Portanto, faz sentido uma obra tratar de temas que estavam tão em evidência na época.

Yann Martel, por outro lado, formado em Filosofia, tem um maior conhecimento em religião, temática recorrente no livro *A vida de Pi*.

Grande parte do livro *A Vida de Pi* se passa em um barco. Após sofrer o naufrágio, o menino, junto aos animais, embarca em uma aventura que percorre por vários capítulos. Toda a narrativa é construída a partir dessa situação.

No entanto, enquanto o evento principal da história é o naufrágio em *A vida de Pi*, em *Max e os Felinos* acontece o contrário. Somente no capítulo “O jaguar no escalder” podemos observar a viagem com o tigre. Grande parte da história acontece no Brasil, em terra firme.

Outra característica discreta, mas muito importante também é a origem dos meninos que acompanham o tigre. Enquanto Pi é hindu, Max é alemão. Assim como seus destinos se diferem também: Pi chega na América do Norte, enquanto Max passa o resto de sua vida no Brasil.

Mas o ponto que mais difere entre as obras é, sem dúvidas, a temática. Em *Max e os Felinos*, Moacyr Scliar faz uma forte crítica sociopolítica. Enquanto em *A vida de Pi*, podemos acompanhar a trajetória da fé do próprio Pi. A seguir, é possível visualizar um quadro que sintetiza as ideias acima.

<p>Livro</p>		
<p>Autor</p>	<p>Yann Martel, norte-americano</p>	<p>Moacyr Scliar, brasileiro.</p>
<p>Data</p>	<p>Escrito em 2001</p>	<p>Escrito em 1981</p>
<p>Nacionalidade</p>	<p>Pi é indiano</p>	<p>Max é alemão</p>
<p>Travessia</p>	<p>Pi atravessa o Pacífico</p>	<p>Max atravessa o Atlântico</p>
<p>Destino</p>	<p>América Central e Canadá</p>	<p>Brasil</p>
<p>Companhia</p>	<p>Pi faz a viagem na companhia de um tigre, uma zebra, uma hiena e um orangotango. Afinal, resta somente ele e o tigre.</p>	<p>Max faz a viagem na companhia de um Jaguar</p>
<p>Tema</p>	<p>A história possui uma temática religiosa</p>	<p>Faz uma crítica sociopolítica</p>
<p>Pessoa</p>	<p>A narrativa é em 1ª pessoa</p>	<p>A narrativa é em 3ª pessoa</p>
<p>Foco</p>	<p>Narrativa focada na viagem</p>	<p>Narrativa focada na vida de Max após a viagem</p>

4.2 A viagem

Para melhor explicar e exemplificar a diferença entre essas temáticas, primeiro é preciso explicar a diferença entre Max e Pi. Para isso, é preciso subdividir essa seção em três: antes da viagem, durante a viagem e após a viagem.

4.2.1 Antes da viagem

Max cresceu numa família com um pai autoritário e uma mãe sem voz, viveu em meio a peles de diversos animais, no entanto, o que lhe dava medo de fato era o Tigre de Bengala que seu pai caçou na Índia e mandou empalhar. Logo no primeiro capítulo, a fim de obedecer à ordem de seu pai, Max se vê obrigado a passar, de noite, pela loja e enfrentar o tigre de Bengala - do qual tinha muito medo.

Anos mais tarde, com o advento da Segunda Guerra Mundial, é obrigado a fugir no primeiro navio a fim de não ser preso. Ao sofrer um naufrágio com um tigre, é necessário que alimente o mesmo para que não se alimente de Max. Se Max associar a imagem do tigre ao autoritarismo do pai, o fato de que precisa alimentar o animal durante toda a viagem serve como uma vaga lembrança do autoritarismo político, representado pelo nazismo, motivo pelo qual deixou seu país e família. Se considerarmos que está somente Max e o Jaguar no barco e ele coloca as necessidades do animal frente às suas, é, de certa forma, um autoritarismo, pois ele faz para que o jaguar não o mate. É, portanto, uma relação violenta e de submissão por parte de Max.

Pi, por outro lado, teve uma experiência completamente diferente com os animais. Viveu uma infância feliz com sua família, dona de um zoológico. Passou sua infância com animais vivos e sente-se a vontade perto deles, sabe como acalmá-los e alimentá-los. É vontade de Pi ser, ao mesmo tempo, cristão, muçulmano e hindu, o que o prepara para o multiculturalismo presente no Canadá, país para o qual sua família está indo.

4.2.2 Durante a viagem

Os dois romances tratam, simbolicamente, da imigração para as Américas e reescrevem, cada um à sua forma, essa passagem do Gênesis, para representar essa iniciação ritualística, representada nas obras pelo naufrágio e a perda dos parentes e bens materiais, vivida pelas personagens.

O Oceano é, portanto, um espaço intermediário, um entre-lugar no qual as personagens irão enfrentar seus medos, personificados pelo felino em *Max e os Felinos* e, no caso de Pi, também a zebra, o orangotango e a hiena.

No entanto, para Pi, esta viagem tem um significado e para Max, outro. Pi não carrega o fardo da guerra, nem está fugindo de alguém, mas desde o começo estava indo, antes com sua família e depois sozinho, para as Américas. Max, no entanto, foge das consequências de seus atos e da guerra que tomava força na Alemanha.

Enquanto Max atravessa o Atlântico, Pi atravessa o Pacífico para chegar às costas do México até seu destino final, o Canadá. Obviamente, os únicos sobreviventes desse naufrágio são Max e Pi, que dividiram um barco com seus respectivos felinos.

Há, nesse ponto, uma referência bem sutil ao episódio da Arca de Noé (Gênesis, 6:17). Depois do dilúvio, Noé, sua família e um casal de cada espécie de animal permanecerão quarenta dias e quarenta noites dentro da arca, à espera da descida das águas e pela oportunidade de viver uma nova vida na Terra. Portanto, só após passar esse tempo dentro da arca, estariam prontos para dar um novo significado para a vida na Terra. Assim como nossos heróis Max e Pi.

4.2.2.1 A Arca de Noé e a intertextualidade entre as obras

Tendo em vista a intertextualidade presente entre as obras, será apresentado um breve resumo do episódio da Arca de Noé, assim como uma

explicação sobre essa intertextualidade existente entre a Arca de Noé e os livros tratados nesse trabalho.

Ainda no primeiro livro do Antigo Testamento, acontece o episódio da Arca de Noé. Durante os capítulos 6 a 9, Deus começa a enxergar a maldade da humanidade. No entanto, acha um homem bom - Noé - e decide que Noé é virtuoso e digno de repopular a Terra. Deus, então, avisa Noé para construir uma arca e abrigar sua esposa e filhos Shem, Ham e Japheth e suas respectivas esposas. De todas as espécies, salvar também dois exemplares de cada, um macho e uma fêmea.

Desse modo, Noé e sua família e exemplares de cada espécie são obrigados a passar por um momento dentro da arca a fim de ressignificar a vida. A Arca é um momento de reflexão, e somente após esses 40 dias, poderão voltar salvos à terra e serem pessoas melhores do que eram antes da inundação.

Assim como Max e Pi. Numa perspectiva religiosa, é possível identificar Pi com a Arca de Noé mais facilmente, afinal, de maneira ou de outra, ambas as histórias tratam de uma temática religiosa. No entanto, é também possível relacionar a Arca de Noé com a história de Max. Tendo em vista que, assim como Noé e sua família, Max também passou por um período que o colocou à prova e também passou por um momento de reflexão e evolução durante sua viagem no barco.

Samoyault (2010) diz que:

A imprecisão teórica que envolve a noção de intertextualidade, explicando em parte sua recua por certos teóricos da literatura, deve-se à bipartição de seu sentido em duas direções distintas: uma torna-a um instrumento estilístico, linguístico mesmo, designando o mosaico de sentidos e de discursos anteriores [...] a outra torna-a uma noção poética e a análise aí está estreitamente limitada a retomada de enunciados literários (por meio de citação, da alusão, de desvio etc). (p. 13)

Após compreender essas duas vertentes da intertextualidade, podemos definir essa intertextualidade entre a Arca de Noé e Max e Pi como um recurso linguístico mais do que uma “retomada” por meio de citações.

Há também que definir o que são intertextualidade implícita e explícita.

Intertextualidade explícita, como o próprio nome já diz, é algo de fácil entendimento para o leitor. Quando explícita, a intertextualidade é facilmente identificada, pois apresentam elementos que remetem ao texto original e não exigem dedução alguma por parte do leitor.

‘ Ao contrário da explícita, a intertextualidade implícita exige do leitor as habilidades de interpretação e de fazer inferências, pois não apresentam elementos que remetem ao texto fonte, assim como não possui uma ligação direta entre os textos.

Entre o episódio da Arca de Noé e as obras tratadas nesta pesquisa há, sem dúvida, uma intertextualidade implícita, pois exige do leitor um pré-conhecimento religioso a fim de fazer inferências e perceber a intertextualidade entre as obras. É uma referência sutil ao episódio da Arca.

4.2.3 A chegada ao Novo Mundo

No livro de Scliar, a chegada e adaptação de Max ao Brasil e seu novo contexto em Porto Alegre é muito importante. Pode-se acompanhar a metamorfose e desenvolvimento da personagem que, quando deixa Alemanha, era apenas um adolescente, mas ao chegar ao Brasil, demonstra um comportamento maduro e adulto.

No entanto, mesmo após a chegada ao “Novo Mundo”, Max ainda se sente perseguido: acredita que seus vizinhos são espiões nazistas e que há um tigre que ronda a vizinhança, mesmo que o Rio Grande do Sul não seja um habitat natural para os tigres e seus vizinhos aleguem não serem filiados a um partido nazista.

Cria-se um olhar pessimista, de que o Brasil, ou seja, a América, é um lugar fadado ao fracasso e morte, ideia essa construída por Zilá Bernd (2011)

Na opinião de Gérard Bouchard (2002), as utopias americanas não cumpriram suas promessas e fracassaram porque “le nouveau continent n’a pas fait mieux que l’ancien du point de vue des rapports sociaux (exploitation, inégalités), du rapport État-citoyen (violation des droits, dictatures), du rapport à l’environnement (pollution, destructions, etc.)” (p. 4).

A literatura – em particular no contexto da pós-modernidade – fornece inúmeros exemplos de seres que personificam esse fracasso. Narrativas produzidas nas quatro línguas dominantes das Américas reescrevem a desesperança, a descrença e a impossibilidade de pensar o futuro das Américas em termos de República do sonho.

Toda essa ideia é decorrente do fato de que durante toda sua vida, Max não se liberta dos problemas que teve em Berlim e o acompanham até o Brasil, contribuindo para a morte da vida nova e utópica que a América parecia prometer.



Se em *Max e os Felinos*, todo um capítulo é dedicado à chegada da personagem ao Brasil, assim como as dificuldades da vida nova. Na obra de Martel, o livro acaba no momento em que Pi chega a terra firme, se recupera em uma enfermaria e começa a contar duas versões diferentes de suas aventuras.

No entanto, diferente da leitura que fazemos com Scliar, ao ler *A vida de Pi* sabe-se já desde o início, que a viagem foi um sucesso, pois é ele próprio o narrador da história. Ao final da história, é possível aprender mais sobre o narrador: conclui seus estudos em duas áreas diferentes - zoologia e história das religiões -, em sua casa encontram-se uma estátua de Ganesh, simbolizando o hinduísmo, religião oriunda da Índia e praticada por sua família; uma Virgem de Guadalupe, que remete ao catolicismo; e uma foto de Kaaba, sagrado no Islamismo. Pode-se perceber uma transculturalidade e uma abertura a enxergar o mundo por óticas diferenciadas e isso é parte da estratégia de sobrevivência da personagem.

Já com Scliar, essa transculturalidade não está mais tão clara e evidente, pois Max demora um tempo até conseguir resolver seus conflitos existenciais; enquanto Martel apresenta questões transculturais bem claramente como o saber empírico sobre os animais, que se torna científico à medida que Pi forma-se em zoologia. Suas crenças junto com seus estudos em religião. As características culturais passam por uma transformação a fim de dar origem a

algo novo que permite o imigrante a evoluir e se adaptar, sem deixar de ser ele mesmo. Haja vista que Max lida, no decorrer da narrativa, com problemas muito sérios, os quais têm certa dificuldade em resolver, isso ocorre de maneira mais lenta e menos destacada, mas ainda assim, ocorre.

A seguir, um quadro para sintetizar tudo discutido acima a respeito da viagem feita pelos heróis.

	 <p>ACREDITE NO EXTRAORDINÁRIO AS AVENTURAS DE PI YANN MARTEL A Vida de Pi</p>	 <p>Max e os Felinos Moacyr Scliar MAX E OS FELINOS</p>
<p>Antes</p>	<p>Pi foi criado no zoológico de seu pai com uma família harmoniosa e desenvolveu uma boa relação com os animais. Seu pai quer mudar o zoológico para a América do Norte, por isso embarcam num navio.</p>	<p>Max cresceu com um pai autoritário e com medo dos animais. Por causa da 2ª Guerra, precisa fugir num navio.</p>
<p>Durante</p>	<p>A fim de crescer, a personagem principal é colocada numa situação de passagem ritualística, sozinha e sem seus pertences. O oceano é um entre-lugar no qual elas vão enfrentar seus medos. É possível ver a intertextualidade com a Arca de Noé em ambos.</p>	
<p>Após</p>	<p>Pi chega a um hospital e explica, para as autoridades, o que aconteceu. Fornece duas versões e deixa a critério delas escolherem em qual acreditar.</p>	<p>Após, Pi chega ao Brasil e é possível acompanhar sua evolução. Agora já é um adulto.</p>

5. Considerações Finais

No decorrer do trabalho, foram apresentados os resumos das obras comparadas; conceitos literários que remetem à Teoria Literária, tais como os utilizados nas análises feitas em ambas as obras e características convergentes e divergentes entre elas.

Após definir o conceito de plágio e de intertextualidade, conclui-se que não houve, portanto, um plágio – mas uma intertextualidade, um diálogo presente entre os livros – entre as obras pelos seguintes motivos:

O primeiro motivo e o mais nítido é a diferença da motivação dos autores na concepção da obra. Enquanto Yann Martel priorizou uma temática espiritual, a qual podemos acompanhar por meio da viagem Pi; o escritor gaúcho trouxe uma discussão sob a ótica político-social envolta pelo período da Segunda Guerra Mundial.

Ao se analisar o lugar de fala dos autores, pode-se perceber o segundo motivo: Yann Martel, vivendo uma época moderna, não vivenciou as consequências diretas da Segunda Guerra Mundial e da Guerra Fria, à parte disto, mora no Canadá e escreveu o livro em 2001. Moacyr Scliar, por outro lado, escreveu Max e os Felinos em 1981, em pleno contexto da Guerra Fria e, por isso, presenciou um momento geopolítico distinto de Yann Martel.

Também pequenos detalhes devem ser levados em conta, como por exemplo, a nacionalidade das personagens principais – Pi é indiano e Max é alemão; um tigre acompanha Pi durante sua viagem, em determinado momento, também o acompanham um orangotango, uma hiena e uma zebra, já Max é acompanhado somente por um jaguar; Pi atravessa o Pacífico para chegar à América, Max atravessa o Atlântico.

Detalhes técnicos como o narrador também podem ser considerados, Pi é o narrador em seu livro, é, portanto, um narrador-personagem e podemos acompanhar a história em primeira pessoa, já em Max e os Felinos, é um narrador que não participa da história, mas acompanha os pensamentos de Max: o livro é escrito em terceira pessoa. Outro detalhe técnico é o foco da narrativa, o naufrágio de Max, apesar de ser significativo para o decorrer da

história, não é o foco da narrativa, que aponta para sua vida no Brasil após o naufrágio, haja vista que é um livro com uma crítica sócio-política é preciso mostrar as consequências da Segunda Guerra mais do que mostrar a própria viagem. Já em *A Vida de Pi*, que é um livro dividido em três partes e concentra seu foco na viagem de Pi, o que é compreensível, considerando que é um livro focado no desenvolvimento espiritual de Pi, que acontece exatamente durante a viagem.

Após tratar dos assuntos discutidos acima, é possível perceber como *A Vida de Pi* e *Max e os Felinos* são livros extremamente opostos em temas e com motivações diferenciadas. Por meio desses argumentos, pode-se defender que não foi, portanto, um plágio. Apesar das similaridades, o objetivo de cada obra e a experiência do leitor são diferentes.

6. Referências

SCLIAR, Moacyr. **Max e os Felinos**. Porto Alegre: L&PM POCKET, 2017.

MARTEL, Yann. **A vida de Pi**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

BARBOSA, Denis Borges. **Uma introdução à propriedade intelectual**. 2. ed. São Paulo: Lumen Juris, 2003.

DIANA, Daniela. **Intertextualidade**. Disponível em <<https://www.todamateria.com.br/intertextualidade/>> Acesso: 07 mai. 2019.

CARVALHAL, Tania Franco. **Literatura Comparada**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2007.

BÍBLIA, A. **Sagrada Bíblia Católica**: Antigo e Novo Testamentos. São Paulo: Sociedade Bíblica de Aparecida, 2008. cap. 6-10.

BERND, Zilá. **Américanité: les transferts du concept**. Interfaces Brasil/Canadá. Porto Alegre: ABECAN, 2002. N.2, p. 9-26.

NITRINI, Sandra. **Literatura Comparada: história, teoria e crítica**. São Paulo: Imprensa Oficial, 2010.

SAMOYAULT, Tiphaine. **A intertextualidade**. São Paulo: Editora Hucitec, 2008.